



Boletim de Conjuntura Industrial

setembro de 2009



Boletim de Conjuntura Industrial

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Economia – Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia

Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial, Acompanhamento Setorial,

Panorama da Indústria e Análise da Política Industrial

setembro 2009

A economia brasileira emitiu sinais de recuperação no segundo trimestre de 2009. O movimento de retomada da economia se manifestou na comparação de dados do segundo com os do primeiro trimestre de 2009. Vislumbrou-se a recuperação marginal de 1,9% no segundo trimestre do ano, considerando a variação em relação ao primeiro trimestre (com ajuste sazonal) (Tabela 1). Este fato indica a superação do período de recessão econômica localizada nos dois trimestres anteriores.

Cumprir destacar a manutenção do desempenho negativo no segundo trimestre se comparado a igual período do ano passado. O Produto Interno Bruto (PIB) sofreu redução de 1,8% no primeiro e de 1,2% no segundo trimestre de 2009 em relação aos mesmos períodos de 2008 (Tabela 1). Contudo, pode ser notada a desaceleração do movimento descendente no segundo trimestre do ano corrente.

Tabela 1 – Taxa de Variação do PIB por Atividades e por Componentes da Demanda (IV/2008 e I/2009) (Em %)

	Taxa trimestral contra mesmo trimestre do ano anterior		Taxa trimestral contra trimestre imediatamente anterior(*)	
	I/2009	II/2009	I/2009	II/2009
Agropecuária	(1,6)	(4,2)	(1,4)	(0,1)
Indústria	(9,3)	(7,9)	(3,2)	2,1
Extrativa Mineral	(1,1)	(0,8)	-	-
Transformação	(12,6)	(10,0)	-	-
Construção Civil	(9,8)	(9,5)	-	-
Eletricidade, gás e água	(4,2)	(4,0)	-	-
Serviços	1,7	2,4	0,6	1,2
PIB a preço básico	(1,5)	(0,9)	(0,6)	1,9
PIB a preços de mercado	(1,8)	(1,2)	(1,0)	1,9
Despesa de consumo das famílias	1,3	3,2	0,6	2,1
Despesa de consumo da administração pública	2,7	2,2	0,8	(0,1)
Formação bruta de capital fixo	(14,0)	(17,0)	(12,3)	0,0
Exportação de bens e serviços	(15,2)	(11,4)	(15,8)	14,1
Importação de bens e serviços ()	(16,0)	(16,5)	(12,0)	1,5

(*) Com ajuste sazonal. Dados do 1º trimestre de 2009 foram corrigidos pelo IBGE e podem divergir daqueles apresentados em boletim anterior. Dados do 2º trimestre de 2009 são preliminares.
Nota: Os dados incorporam a eventual revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores.
 Fonte: Sistema de Contas Nacionais (SCN)/IBGE.

O consumo das famílias se destacou na sustentação da demanda interna no segundo trimestre de 2009. A demanda interna apresentou sinais divergentes no período, dependendo do componente analisado, depois de ter sofrido uma drástica interrupção de seu crescimento no final do ano passado. Analisando o comportamento de seus diferentes componentes no segundo trimestre do ano corrente comparado a igual período do ano passado, percebe-se, por um lado, uma aceleração do crescimento do consumo das famílias (para 3,2%), mas, por outro lado, uma desaceleração do crescimento do consumo da administração pública (para 2,2%) e uma significativa redução da formação bruta de capital fixo (-17,0%) e das importações de bens e serviços (-16,5%) (Tabela 1).

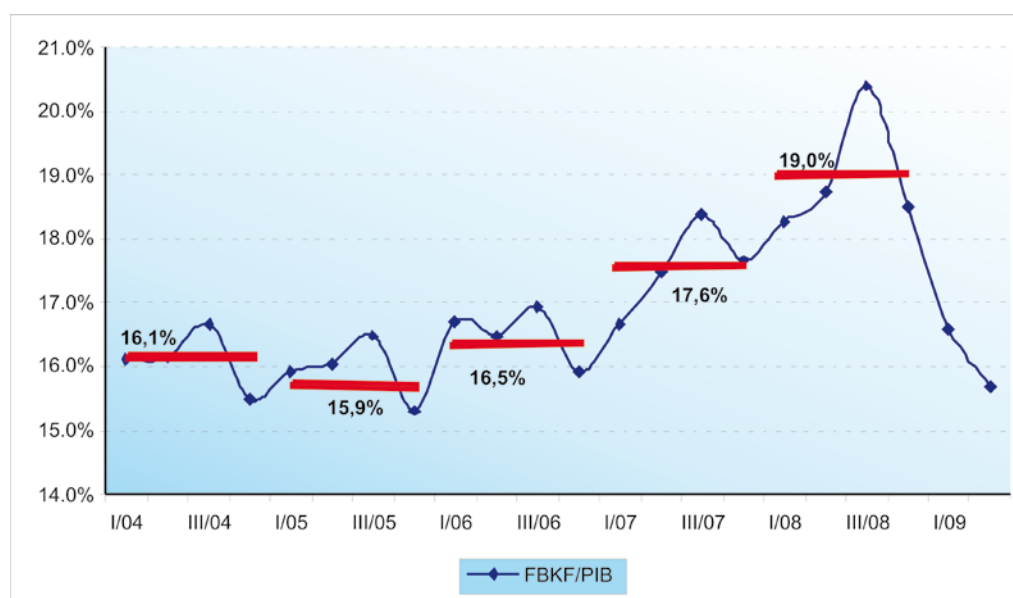
O comportamento divergente dos componentes da demanda interna também se tornou evidente na comparação dos dados do segundo trimestre com os do primeiro trimestre do ano corrente (considerando-se o ajuste sazonal): estagnação da formação

bruta de capital fixo e do consumo do governo e crescimento do consumo das famílias (2,1%) e das importações de bens e serviços (1,5%). Cumpre destacar a importante mudança de comportamento da formação bruta de capital fixo e das importações, que presenciaram uma interrupção do desempenho fortemente contracionista observado no primeiro trimestre do ano comparado ao último trimestre de 2008. O consumo das famílias foi certamente um componente fundamental para o desempenho marginal positivo do nível de atividades no segundo trimestre, reafirmando sua função de sustentação da demanda interna delineada no primeiro trimestre do ano.

A análise do comportamento das exportações permite observar a contribuição positiva da demanda externa para o crescimento econômico no segundo trimestre de 2009, superando sua atuação negativa observada no trimestre anterior. As exportações apresentaram crescimento de 14,1% no segundo trimestre com relação ao trimestre imediatamente anterior, apesar de ainda terem sofrido redução de 11,4% na comparação com igual período do ano passado (Tabela 1).

Um dos indicadores das dificuldades enfrentadas recentemente pela economia brasileira tem sido a desaceleração do crescimento da taxa de investimento, que havia alcançado seu maior nível na década atual no terceiro trimestre de 2008 (20,4%), mas passou a se reduzir a cada trimestre até atingir o patamar de 15,7% no segundo trimestre de 2009, similar à média da taxa de investimento observada em 2005 (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Evolução da Taxa de Investimento (I/2004 a II/2009) (Em %)



Fonte:SCN/IBGE.

A análise por setor de atividades, considerando a comparação de dados do segundo trimestre com os do primeiro trimestre do ano corrente (com ajuste sazonal) evidencia a recuperação marginal da atividade industrial (2,1%), inclusive superando o desempenho

da agropecuária, praticamente estagnada (-0,1%), e da atividade de serviços (1,2%). Presencia-se, portanto, uma reversão da trajetória negativa apresentada pela indústria brasileira desde a eclosão da crise financeira mundial, reafirmando que seus efeitos mais fortes podem ter de fato se concentrado no final do ano passado. Ainda assim, na comparação com o mesmo período do ano anterior, a trajetória da agropecuária (-4,2%) e da indústria (-7,9%), principalmente da indústria de transformação (-10,0%), ainda é bastante negativa.

As dificuldades enfrentadas pela indústria brasileira no primeiro semestre de 2009 podem ser detalhadas a partir dos dados de produção física da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE). O Boletim de Conjuntura Industrial de junho de 2009, com base na comparação dos dados do primeiro trimestre de 2009 com os do mesmo período de 2008, havia constatado a expressiva contração da produção física da indústria de transformação (-14,5%) e extrativa (-15,8%) e da indústria geral (-14,6%) (Tabela 2). O documento havia ressaltado também que as quedas da produção industrial observadas no primeiro trimestre do ano foram muito mais acentuadas do que as verificadas no final de 2008, trimestre imediatamente posterior à eclosão da crise financeira mundial. Os dados do segundo trimestre de 2009, comparados aos do mesmo período de 2008, confirmaram o comportamento declinante da produção industrial brasileira. Todavia, os dados também apontaram para sua ligeira suavização, considerando os níveis relativamente menores de redução da produção da indústria de transformação (-12,3%) e extrativa (-11,7%) e, portanto, da indústria geral (-12,2%). Considerando a comparação do segundo com o primeiro trimestre de 2009, é possível verificar a volta de taxas positivas, atingindo 3,7% na indústria geral e 2,5% na indústria de transformação.

**Tabela 2 – Taxa de Variação da Produção Industrial Brasileira (Em %)
(I/2008 a II/2009)**

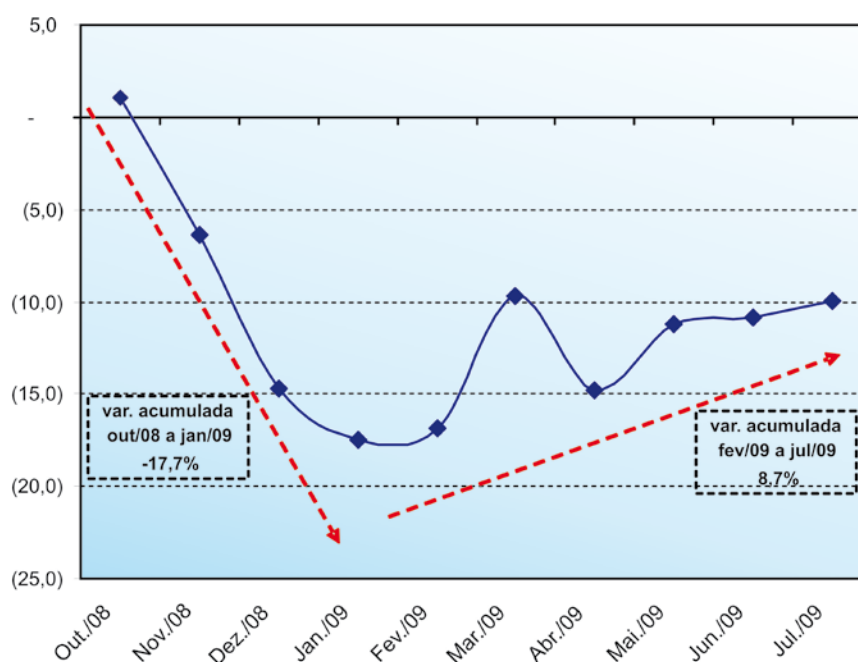
Atividades	I 2008	II 2008	III 2008	IV 2008	I 2009	II 2009
Indústria Geral	6,4	6,2	6,7	(6,3)	(14,6)	(12,2)
Indústria Extrativa	6,8	6,3	8,9	(6,5)	(15,8)	(11,7)
Indústria de Transformação	6,4	6,2	6,6	(6,3)	(14,5)	(12,3)
Taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)						
Indústria Geral	0,7	1,0	1,6	(9,7)	(6,8)	3,7
Indústria Extrativa	1,6	(0,1)	2,8	(9,9)	(8,2)	3,7
Indústria de Transformação	1,1	0,0	1,9	(8,8)	(7,1)	2,5
Taxa de variação acumulada ao longo dos últimos quatro trimestres						
Indústria Geral	6,6	6,7	6,8	3,1	(1,9)	(6,5)
Indústria Extrativa	6,2	6,3	7,0	3,8	(1,8)	(6,3)
Indústria de Transformação	6,7	6,7	6,8	3,1	(1,9)	(6,5)

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.vv

A observação do comportamento das taxas mensais de variação da produção física da indústria de transformação e de extração com relação aos mesmos meses dos anos anteriores permite detalhar um pouco mais o desempenho destacado anteriormente.

As taxas mensais têm apresentado comportamentos negativos desde novembro de 2008, que se intensificaram em dezembro, assim como em janeiro do ano corrente, quando parecem ter se manifestado os piores efeitos da crise mundial sobre a produção industrial brasileira (Gráfico 2). Considerando a variação acumulada entre outubro de 2008 e janeiro de 2009, a queda atingiu 17,7%. Entretanto, a partir de fevereiro de 2009, observa-se mês a mês a tendência de redução na contração da produção industrial em relação ao ano anterior e sucessivas taxas de crescimento em relação ao mês imediatamente anterior. O crescimento da produção física industrial atingiu 8,7% no acumulado entre fevereiro e julho de 2009.

**Gráfico 2 – Taxa de Variação Mensal da Produção Industrial Brasileira
(em relação ao mesmo período do ano anterior –
outubro/2008 a julho/2009)**



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.

Detalhando os dados de produção industrial por categorias de uso, também é possível verificar a melhora no desempenho no segundo trimestre de 2009 em relação aos dois trimestres anteriores (Gráfico 3).

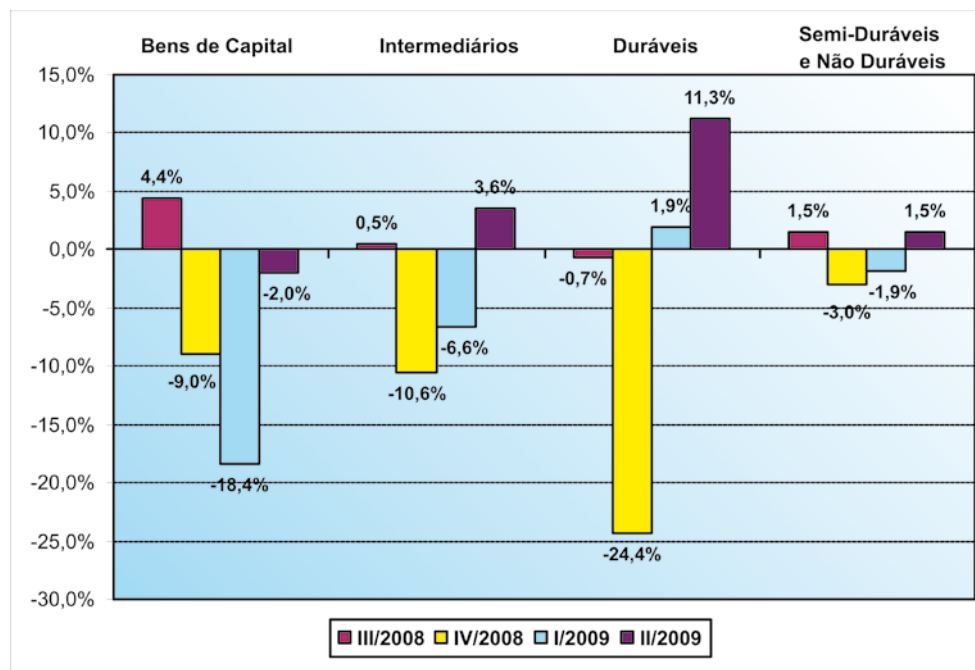
O comportamento recente da produção de bens de consumo duráveis parece concretizar os contínuos esforços de recuperação da produção industrial capitaneados pelo governo brasileiro, que incluem a desoneração de impostos especialmente destinada aos setores automotivo e de eletrodomésticos de linha branca, setores que sofreram de forma bastante intensa a reversão das expectativas empresariais associada à escassez de crédito no âmbito da crise internacional. A comparação dos dados de produção física de bens duráveis do segundo com os do primeiro trimestre do ano corrente (com ajuste sazonal) deixa transparecer, de forma evidente, o movimento de recuperação em curso (crescimento de 11,3%), depois da forte retração observada no último trimestre

de 2008. Os dados do mês de julho quando comparados aos de junho de 2009 também indicam crescimento da produção de bens duráveis (4,6%), que novamente supera o comportamento positivo da produção das demais categorias de uso no mesmo mês. Existem importantes sinais, portanto, de que a produção brasileira de bens duráveis deixou para trás seu pior momento e assumiu uma trajetória ascendente, mesmo que lenta, que tende a continuar no segundo semestre de 2009.

No caso dos bens intermediários, a ligeira recuperação no último trimestre analisado, considerando sua forte orientação ao mercado externo, parece ter como base o arrefecimento da contração da demanda mundial, com decisiva contribuição do revigoreamento da demanda chinesa por insumos básicos e produtos primários, tendência que teve continuidade no mês de julho de 2009, com crescimento de 2% em relação a junho.

O setor de bens de consumo semiduráveis e não duráveis, por sua vez, também apresentou uma ligeira recuperação em relação ao primeiro trimestre de 2009. Vale destacar, porém, que esse segmento foi o que menos sentiu os efeitos da crise pela menor dependência da disponibilidade de crédito para o consumo.

**Gráfico 3 – Evolução da Produção Industrial por Categorias de Uso
(taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior –
III/2008 a II/2009) (Em%)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

O setor de bens de capital, no entanto, continuou apresentando retração na produção física, embora em nível menor do que nos trimestres anteriores. Segundo a ABIMAQ, o faturamento nominal da indústria brasileira de máquinas e equipamentos acumulado de janeiro a junho de 2009 sofreu redução de 19,4% com relação ao acumulado em

igual intervalo de 2008. Descontando a inflação do período, a queda do faturamento chegou a 23,6%. Por sua vez, a utilização da capacidade instalada na indústria de máquinas e equipamentos também se reduziu de 86,2% no período de janeiro a junho de 2008 para 80,2% no mesmo período de 2009 (-7,0%) (ABIMAQ, junho de 2009).

Analisando as taxas de variação mensais contra os meses imediatamente anteriores (com ajuste sazonal), pode-se perceber uma importante reversão do comportamento negativo da produção de bens de capital a partir do mês de abril do ano corrente.

Os dados de julho comparados aos de junho de 2009 confirmam o desempenho marginal positivo da produção de bens de capital (1,4%), ainda tímido se comparado ao patamar de crescimento observado para os bens de consumo duráveis. Observa-se que a categoria de uso bens de capital deverá ser a última a mostrar sinais mais concretos de recuperação, o que se espera somente para o segundo semestre deste ano. As perspectivas da produção de bens de capital dependem claramente do sucesso dos estímulos à retomada dos investimentos em futuro próximo.

A análise dos dados de produção física organizados por atividade industrial mostra também a recuperação da produção de grande parte dos setores industriais no segundo trimestre quando comparado ao primeiro trimestre de 2009 (18 dos 27 setores contemplados na PIM-PF/IBGE). A maioria dos setores, dentre os que apresentaram desempenho positivo, conseguiu reverter a situação de encolhimento da produção observada nos dois trimestres anteriores. O maior destaque ficou por conta dos veículos automotores, que registraram uma recuperação da produção da ordem de 12,5% no segundo trimestre comparado ao primeiro trimestre de 2009, sob o efeito dos estímulos direcionados ao setor automotivo. Também merecem destaque os setores de material eletrônico e equipamentos de comunicações (8,4%) e farmacêutica (8,1%).

O movimento de recuperação da produção dos distintos setores industriais brasileiros se confirma com a apresentação das taxas de crescimento observadas em julho com relação a junho de 2009 (com ajuste sazonal). Grande parte dos setores exibiu aumento de produção em julho do ano corrente (22 dos 27 setores incluídos na PIM-PF/IBGE), com destaque para máquinas para escritório e equipamentos de informática (12,1%); equipamentos médico-hospitalares (9,8%); e máquinas e equipamentos (8,9%). Em outras palavras, o último mês analisado (julho) evidencia a recuperação da produção de diversos setores industriais.

Os dados de variação mensal da produção física em seus diferentes níveis de agregação (por categorias de uso ou por atividades industriais) revelam que julho pode ser de fato considerado o melhor mês para a produção industrial desde a eclosão da crise internacional. Isto claramente concretiza um movimento em curso de reversão das expectativas e sinaliza melhores perspectivas para a indústria brasileira nos próximos

meses.

A melhora no desempenho da produção industrial brasileira quando comparada aos níveis do ano passado tende a se manter no segundo semestre do ano corrente como resposta ao contínuo esforço dos setores público e privado no sentido da recuperação da produção industrial, que tem se traduzido, principalmente, em aumento da ocupação da capacidade instalada em alguns setores industriais. Os investimentos tendem a ser retomados em futuro próximo na medida em que as expectativas empresariais sejam contaminadas por melhoras no comportamento da demanda e pela redução da capacidade ociosa nas atividades industriais, contando com importantes fatores de estímulo, como a redução do juro real e o restabelecimento do crédito.

Com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE)¹ observa-se também a reversão do ajuste negativo no emprego industrial formal no segundo trimestre de 2009, quando houve a criação de quase 2,6 mil vagas na indústria brasileira, principalmente na indústria de transformação (Tabela 3). Isto certamente contrastou com a criação de 167 mil vagas no mesmo período de 2008, marcado por crescimento da produção industrial. Porém representa uma clara reversão em relação ao primeiro trimestre de 2009. Os dados do mês de julho sinalizam de forma mais clara a reversão do movimento declinante do emprego formal, considerando que houve criação de 16,7 mil vagas na indústria brasileira nesse último mês analisado (CAGED/MTE). Cumpre constatar, portanto, que a recuperação da produção da indústria brasileira foi acompanhada por um ajuste positivo no emprego industrial no segundo trimestre do ano, que se estendeu ao mês de julho de 2009.

Tabela 3 – Criação de Vagas e Massa Salarial das Contratações Líquidas na Indústria Brasileira (I/2007 a II/2009)

Ano	Criação de Vagas				Massa de Salários de Contratações Líquidas (em R\$ mil de dez/08*)			
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre
2007	108.986	188.246	175.903	(86.531)	17.725	59.712	48.883	(101.250)
2008	153.090	167.668	193.793	(348.295)	63.024	57.452	61.094	(337.282)
2009	(146.761)	2.578	-	-	(279.247)	(139.241)	-	-

*Dados deflacionados pelo IPCA (IBGE).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados RAIS e CAGED/MTE.

Por sua vez, a massa de salários de contratações líquidas² na indústria brasileira continuou apresentando tendência de retração, apesar da recuperação no fluxo líquido

¹O CAGED/MTE apresenta os resultados de todas as empresas que realizaram contratação/desligamento de empregados formais no período pesquisado, tendo, portanto, cobertura censitária. Os dados foram organizados com base na nova CNAE 2.0, podendo se diferenciar daqueles analisados em alguns boletins de conjuntura industrial anteriores (que utilizaram a antiga CNAE 1.0).

²Estimada pela diferença entre a massa de salários dos trabalhadores admitidos e dos desligados na indústria.

de empregos. Essa tendência deve ser revertida apenas com a retomada mais firme da produção industrial, quando os salários médios de contratação voltarem a se elevar. No que se refere ao desempenho recente do comércio externo brasileiro, ressalta-se o saldo positivo de quase US\$ 11 bilhões no segundo trimestre de 2009 (FUNCEX).

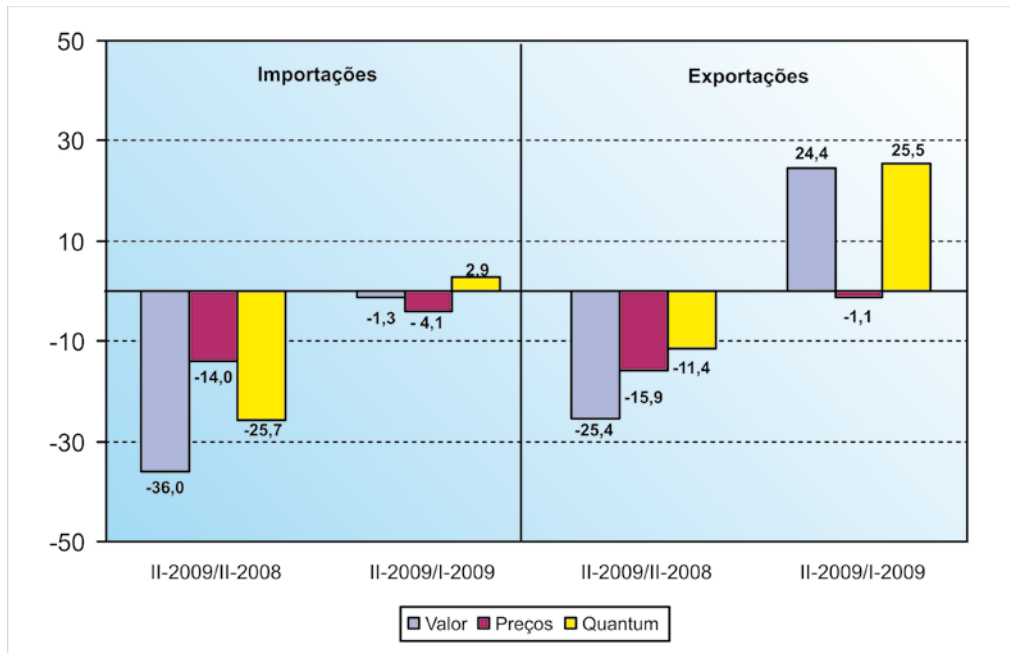
A comparação com o saldo comercial do trimestre imediatamente anterior de cerca de US\$ 3 bilhões indica a reversão da trajetória descendente do superávit comercial trimestral observada desde o terceiro trimestre de 2008. O principal responsável pelo desempenho positivo do saldo comercial no segundo comparado ao primeiro trimestre do ano corrente foi o comportamento expansionista das exportações, interrompendo o movimento declinante das vendas externas observado em trimestres anteriores.

O valor das vendas externas registrou aumento (24,4%), liderado pela elevação das quantidades exportadas (25,5%), considerando a manutenção da tendência de queda dos preços dos produtos exportados (Gráfico 4). O comportamento ascendente das exportações de bens intermediários (28,6%), especialmente relacionado ao aumento de suas quantidades exportadas (34,4%), foi o principal responsável pelo desempenho das exportações brasileiras no período, embora tenha se verificado aumento em todas as categorias de uso. A classificação por fator agregado também mostra a recuperação mais rápida dos produtos primários (aumento de 52,2% em valor e 48,2% em quantum) em relação aos produtos manufaturados (7,6% e 9,5%) e semi-manufaturados (5,3% e 15,6%). Cumpre lembrar que a sustentação da demanda externa por bens primários e intermediários, com destaque para a participação da demanda chinesa, contribuiu de forma significativa para o resultado comercial externo brasileiro no último trimestre.

Por sua vez, o valor das importações apresentou ligeira redução (-1,3%), como resultado do desempenho descendente dos preços (-4,1%), pois as quantidades importadas voltaram a registrar pequeno crescimento (2,9%) no segundo trimestre com relação ao primeiro trimestre de 2009. Vale destacar que a importação de produtos intermediários e de bens de capital ainda não voltou a aumentar, refletindo o movimento ainda tênue de retomada da produção industrial interna. O aumento do quantum reflete principalmente uma pequena elevação das importações de bens de consumo e combustíveis.

Os dados do mês de julho mostram que as exportações brasileiras voltaram a registrar um desempenho negativo com relação ao mês de junho de 2009, quando se observou contração tanto do valor (-2,3%) quanto das quantidades exportadas (-2,7%), considerando uma certa estagnação dos preços (0,5%). Os bens intermediários e os bens de capital lideraram a queda das exportações, em termos de valor e de quantidade, em julho comparado a junho do ano corrente. As importações apresentaram, ao contrário, um evidente crescimento em valor (13,9%) e em quantidade (12,8%), acompanhando a recuperação da produção física da indústria brasileira no último mês analisado (FUNCEX). O resultado líquido foi de superávit comercial de aproximadamente US\$

**Gráfico 4 – Taxa de Variação das Exportações e das Importações:
valor, preço e quantum (Em%)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX.

3 bilhões em julho, atingindo em um mês o mesmo patamar do saldo comercial do primeiro trimestre de 2009.

O desempenho recente do comércio externo brasileiro, mais especificamente no segundo trimestre do ano corrente, permite vislumbrar, portanto, um processo de recuperação localizada do superávit comercial, especialmente relacionado ao comportamento positivo das exportações brasileiras em um cenário de forte participação das compras chinesas de produtos primários e intermediários no mercado internacional. O movimento de valorização da moeda nacional, contudo, pode dificultar o processo de recuperação das exportações brasileiras, colocando um grande obstáculo para a retomada das vendas externas de setores industriais dependentes do comportamento da demanda mundial.

De maneira geral, pode-se concluir dos dados analisados que a indústria brasileira passa por um momento de recuperação do período mais agudo da crise observado no final do ano passado e no primeiro trimestre de 2009. A análise a seguir busca avaliar esse processo em uma perspectiva comparada com outros países. Passado um ano da falência do Lehman Brothers, já é possível investigar de forma mais profunda os efeitos da crise econômica mundial sobre a produção industrial internacional.

Na maior parte dos países em que a indústria tem relevância econômica, pode-se observar que a produção física sofreu queda generalizada durante os momentos agudos da crise. Entretanto, o desempenho negativo foi heterogêneo, sobretudo no que se refere à trajetória dos indicadores nos primeiros meses de 2009.

Em primeiro lugar, é importante observar que o conjunto dos países da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE) apresentou uma retração média de 16,8% na produção física industrial, entre abril de 2009 e abril de 2008³ (Tabela 4). Em período mais recente, entre dezembro de 2008 e abril de 2009, houve uma desaceleração da contração da produção industrial, para uma média de -5,3%.

Do conjunto de países da OCDE, selecionou-se uma amostra de países na qual se incluiu ainda Brasil, China, Rússia e Índia, totalizando um grupo de 29 economias industriais (Tabela 4). Dos 29 países, apenas 3 não enfrentaram retração na produção industrial entre os meses de abril de 2008 e abril de 2009. China, Irlanda e Índia compõem, portanto, o Grupo 1 de análise.

O Grupo 2 é composto pelos poucos países da amostra que, a despeito de terem sofrido retração da produção industrial entre os dois extremos temporais (abril 2009 contra abril de 2008), vêm esboçando uma reação na trajetória do indicador entre dezembro de 2008 (auge da crise na maior parte dos casos) e abril de 2009 (último mês com dados comparáveis). Como será detalhado adiante, neste grupo, que inclui o Brasil, pode-se verificar uma recuperação da demanda agregada, em grande medida comandada pela expansão dos gastos públicos e pelo consumo doméstico.

O Grupo 3, que inclui a maior parte da amostra, é formado por países que sofreram retração da produção industrial durante a crise e que ainda não recuperaram uma trajetória positiva nos primeiros meses de 2009, pelo contrário, mantiveram uma tendência de queda de até 10% entre dezembro de 2008 e abril de 2009. Aqui se encontra a maior parte dos países industriais da Europa, como França, Itália e Reino Unido, além dos EUA. Não por acaso, neste grupo, a retração da demanda agregada foi severa tanto no quarto trimestre de 2008 quanto no primeiro de 2009, sem esboço de reação significativa no segundo trimestre deste ano.

Finalmente, o Grupo 4 é composto pelos países da amostra que, tal como o terceiro grupo, ainda não observaram reativação da indústria, e, além disto, continuaram retraindo a produção industrial numa taxa superior a 10% no período entre dezembro de 2008 e abril de 2009. Neste agrupamento, encontram-se dois dos países mais industrializados do mundo, onde a atividade industrial mais se retraiu no período anual, continuando a observar queda superior a 12% nos primeiros meses de 2009: Alemanha e Japão. Nestes casos, a recuperação parece mais lenta, em especial na Alemanha, mais dependente de exportação para os países ocidentais, mercados ainda muito distantes da reativação da demanda.

³Todos os dados de produção industrial mensal foram extraídos de OCDE StatExtrats, e sempre com indicadores dessazonalizados.

**Tabela 4 – Países Selecionados: variação da produção industrial e do PIB
(2008-2009)**

Grupos	País	Δ % Produção Industrial ⁽¹⁾		Δ % PIB ⁽²⁾	
		Abr09/Abr08	Abr09/Dez08	T1-2009	T2-2009
Grupo 1	China	7,3	-	nd	nd
	Irlanda	3,3	4,0	-1,5	nd
	Índia	1,1	2,2	1,4	nd
Grupo 2	Coréia do Sul	-9,0	17,2	0,1	2,6
	Turquia	-19,4	7,6	-3,7	2,7
	Brasil	-14,6	5,5	-1,0	1,9
	Eslováquia	-25,6	4,2	-11,0	2,2
	Polônia	-8,0	3,6	0,3	0,5
Grupo 3	Portugal	-9,1	-0,5	-1,8	0,3
	México	-8,8	-2,1	-5,8	-1,1
	Hungria	-25,3	-2,6	-2,5	-2,1
	República Tcheca	-21,6	-2,8	-3,4	0,3
	Reino Unido	-12,4	-3,5	-2,4	-0,7
	Noruega	-4,2	-4,4	-0,8	-1,3
	Bélgica	-18,6	-4,6	-1,7	-0,4
	Espanha	-20,1	-4,7	-1,6	-1,1
	Rússia	-17,2	-4,7	-9,0	nd
	Grécia	-13,0	-5,2	-1,2	0,2
	EUA	-12,6	-5,3	-1,6	-0,3
	Canadá	-12,2	-5,6	-1,6	-0,9
	Holanda	-17,3	-6,9	-2,7	-0,9
	Finlândia	-20,9	-6,9	-2,7	nd
	França	-18,9	-8,1	-1,3	0,3
	Itália	-24,5	-8,9	-2,7	-0,5
Suécia	-20,4	-9,0	-0,9	0,0	
Grupo 4	Dinamarca	-15,3	-10,6	-1,1	nd
	Áustria	-14,9	-10,9	-2,7	-0,4
	Japão	-29,9	-12,0	-3,1	0,9
	Alemanha	-23,7	-12,3	-3,5	0,3
Total OCDE		16,8	5,3	2,2	nd

(1) A partir de índices de produção industrial dessazonalizada.

(2) Variação contra trimestre imediatamente anterior, dessazonalizada.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de OCDE StatExtrats.

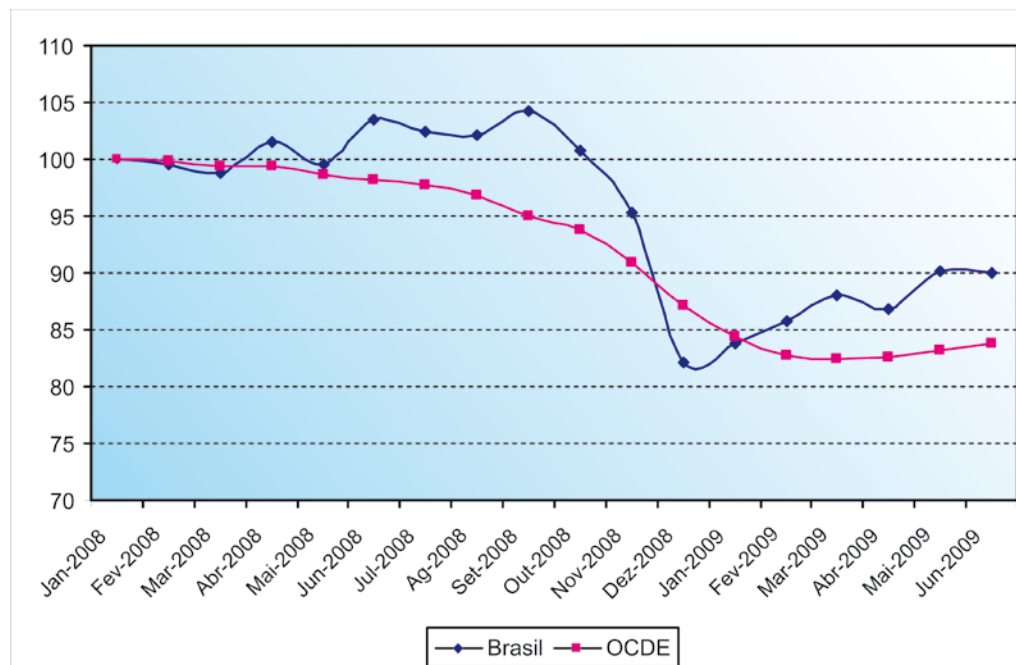
Enfim, numa avaliação preliminar dos dados, constata-se que a crise de 2008-2009 afetou de forma significativa a indústria mundial. Pode-se perceber, ademais, que a indústria mundial tem reagido de forma heterogênea à crise econômica, ainda que para a maior parte dos países seja possível notar uma trajetória de recuperação lenta.

Cabe destacar, entretanto, que o grupo de países em que a indústria passa a se recuperar, na margem e a partir de janeiro/fevereiro, tem dado grande ênfase às políticas públicas, fiscais e tributárias, peças fundamentais na recuperação da demanda doméstica e, por extensão, da indústria. O consumo das famílias e também, mais especificamente a partir do segundo trimestre, a retomada das exportações têm contribuído para a reativação do nível de atividades, que, por sua vez, tem estimulado uma recuperação ainda tímida da indústria destes países. Recuperação modesta, mas bastante expressiva quando comparada ao desempenho do resto dos países industrializados que compõem a amostra, resguardando, claro, os casos indiano e chinês.

Finalmente, como analisado anteriormente, a indústria brasileira parece estar reagindo melhor do que a maioria dos países da OCDE, ainda que concentrada em alguns

segmentos e, sobretudo, em função do desempenho do mercado doméstico e das políticas fiscais e tributárias empreendidas nos últimos meses (Gráfico 5).

**Gráfico 5 – Brasil e OCDE: evolução da produção física mensal(1)
(janeiro/2008 a junho/2009)**



(1) Índices dessazonalizados (jan./2008 = 100).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de OCDE StatExtrats.

Sem esgotar o assunto, é possível apontar alguns fatores conjunturais que podem colaborar para que a indústria brasileira possa aproveitar a consolidação da recuperação da demanda agregada.

Inicialmente, é preciso ressaltar que, ao contrário de outras crises, agora há a presença significativa de políticas de apoio à indústria: incentivos fiscais, explicitados pela PDP, tributários, cujo maior exemplo é a redução pactuada e temporária do IPI para bens de consumo, e creditícios⁴, que podem incentivar a produção e os investimentos industriais de uma forma há muito ausente no país.

Em segundo lugar, espera-se que, ao menos nos próximos períodos, o mercado doméstico possa de fato comandar o desempenho da indústria, em função da retomada do crédito, do emprego e da renda real, especialmente nas camadas de menor renda, ainda não totalmente inseridas nos mercados de bens de consumo duráveis. Este potencial é um dos principais ativos da recuperação da indústria, uma vez que as

⁴Por exemplo, no acumulado de janeiro a julho de 2009, os desembolsos do BNDES cresceram 66% em relação a igual período de 2008, totalizando mais de R\$ 74 bilhões. Este movimento ainda não captou as novas medidas de financiamento para bens de capital, que rebaixaram as taxas do Finame para níveis compatíveis aos dos países centrais.

exportações e a taxa de investimento não poderão contribuir, no curto prazo, para a retomada da produção.

De fato, ainda que haja expectativa de reavaliação dos investimentos através do esforço público (infra-estrutura, pré-sal, etc) e do privado⁵, esta recuperação será mais lenta que a dos outros componentes da absorção interna, sobretudo o consumo das famílias.

O mesmo vale para a demanda externa por produtos manufaturados, que só poderá se recuperar num prazo mais longo, dados os efeitos da lenta retomada da demanda no resto do mundo. E esta mesma recessão em países industriais pode, sobretudo num contexto de re-valorização do real, ampliar fortemente a pressão competitiva de manufaturados importados. O câmbio valorizado prejudicaria, portanto, não apenas as exportações, mas também estimularia o aumento das importações, tanto de bens finais quanto de insumos elaborados.

Como observado anteriormente, a formação bruta de capital fixo vinha cumprindo papel fundamental no ciclo de crescimento interrompido pela crise internacional.

Sem novos investimentos, será muito difícil retomar a trajetória de crescimento dos últimos anos. E sem novos investimentos industriais, será muito difícil dar sustentabilidade a esta incipiente recuperação da indústria nacional. Um processo de longo prazo deve necessariamente se pautar pela agregação de valor através da busca de novas capacitações tecnológicas e produtivas, pelo readensamento das cadeias produtivas brasileiras e pela conquista de mercados externos, tanto com exportações quanto com a aquisição de ativos estratégicos no exterior.

Indústria Aeronáutica: Panorama Mundial e Tendências Recentes no Brasil

A indústria aeronáutica é o único setor de alta tecnologia em que o Brasil possui uma destacada competência em nível global. Dada sua posição singular na estrutura produtiva nacional, o estudo da indústria aeronáutica é de grande importância para se compreender o desenvolvimento econômico, tecnológico e empresarial do país.

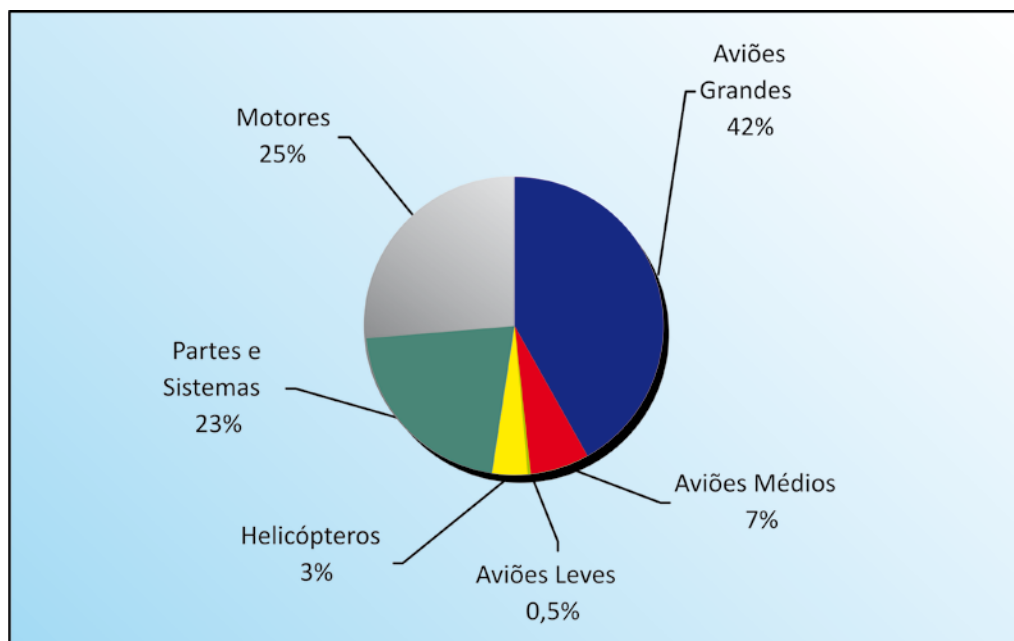
Uma das principais características do mercado aeronáutico internacional, sua elevada concentração nos aviões de grande porte, tem se mantido ao longo dos últimos anos.

Esta categoria de produto respondeu por 42% das vendas da indústria no ano de 2007 (Gráfico 1). Os aviões de médio porte representaram cerca de 7% do comércio

⁵A crise eclodiu no limiar de um novo boom de investimento privado no país, uma vez que vários setores operavam muito próximos de seus limites de capacidade de produção. A retomada da demanda pode reconduzir alguns setores, ainda que de forma mais lenta, a este limite do grau de utilização da capacidade produtiva.

internacional e os de pequeno porte menos de 1%. A indústria mundial de helicópteros vendeu US\$ 6,4 bilhões ou aproximadamente 3% do total do setor aeronáutico. Por sua vez, os fornecedores de componentes aeronáuticos (partes, sistemas e motores) apresentaram uma elevada participação no comércio internacional, respondendo por quase metade das vendas da indústria aeronáutica em 2007. Cabe destacar que os produtos desses segmentos incluem tanto os componentes utilizados no processo produtivo quanto as peças de reposição das aeronaves em uso.

**Gráfico 1 – Mercado Aeronáutico Internacional:
participação por segmento (2007)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados COMTRADE.

Analisando exclusivamente o mercado internacional de aeronaves, observa-se que, entre os anos de 2006 e 2007, houve um desempenho positivo considerável, com um crescimento médio de 13,6% (Tabela 1). Entretanto, esta expansão não foi uniforme.

O segmento de helicópteros foi o que mais cresceu, mais que o dobro da indústria aeronáutica como um todo. Os aviões de pequeno porte também apresentaram

**Tabela 1 – Mercado Mundial de Aeronaves:
desempenho do comércio exterior (2006-2007)**

Categoria	Exportações (US\$ milhões)		Taxa de Crescimento (%)
	2006	2007	
Aviões Grandes	85.666	96.944	13,2
Aviões Médios	15.276	16.838	10,2
Aviões Leves	904	1.080	19,5
Helicópteros	4.927	6.417	30,3
Total	106.773	121.279	13,6

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados COMTRADE.

um crescimento acima da média, dado que a expansão da economia mundial e, conseqüentemente, da renda impulsionou a venda das pequenas aeronaves. Por outro lado, os aviões de médio porte apresentaram uma expansão inferior à média setorial, que praticamente se restringiu à comercialização de aeronaves turboélicas. Por conta de sua elevada participação, as exportações dos segmentos de aeronaves de grande porte refletiram a ampliação do comércio internacional do setor aeronáutico.

A estrutura mundial de oferta de aeronaves é caracterizada pela concentração em poucos países e por elevada rigidez. Os cinco principais países exportadores responderam por cerca de 90% do mercado mundial (Tabela 2). Além disso, a participação de cada um dos países se manteve praticamente inalterada ao longo do biênio 2006-2007.

Outra característica que pode ser verificada é a incontestável liderança da indústria aeronáutica norte-americana ao longo desse período. Cabe ainda destacar a crescente importância do Brasil no mercado internacional de aeronaves. Primeiro, por ser o único país não desenvolvido a estar entre os líderes mundiais, se posicionando à frente de tradicionais produtores de aeronaves, como Itália e Reino Unido. Segundo, por apresentar uma taxa de crescimento das exportações três vezes maior do que a observada entre os líderes mundiais, 45,2% contra 14,6%.

**Tabela 2 – Mercado Internacional de Aeronaves:
principais países exportadores de aeronaves (2006-2007)**

Países	2006		2007		Δ 2006-2007 (%)
	Valor (US\$ milhões)	(%)	Valor (US\$ milhões)	(%)	
1º EUA	45.173	42,3	52.837	43,6	17,0
2º França	22.637	21,2	25.279	20,8	11,7
3º Alemanha	18.625	17,4	19.882	16,4	6,8
4º Canadá	6.469	6,1	7.485	6,2	15,7
5º Brasil	3.263	3,1	4.739	3,9	45,2
Subtotal 5 maiores	96.167	90,1	110.221	90,9	14,6
Total	106.773	100,0	121.279	100,0	13,6

Fonte: Ferreira, 2009.

Apesar da elevada rigidez da estrutura produtiva, têm se verificado, nos últimos anos, importantes mudanças nos dois elementos centrais do padrão de concorrência da indústria aeronáutica: a tecnologia e o financiamento. Com relação ao aspecto tecnológico, é importante ressaltar a ruptura na trajetória de desenvolvimento das aeronaves comerciais decorrente da introdução de um projeto revolucionário: o Boeing 787 Dreamliner. Com capacidade para transportar entre 200 e 350 passageiros, dependendo do modelo e da configuração, o Boeing 787 — previsto para entrar em operação no ano 2010 — será o primeiro avião comercial a ser fabricado predominantemente com materiais compostos em substituição ao alumínio. Essa

alteração é fundamental, pois envolve as tecnologias-chave que determinam o avião como produto final, a começar pela forma de projetar e produzir as novas aeronaves (Ferreira, 2008a).

Entretanto, a principal mudança observada ao longo do último ano se refere à contração do crédito e da demanda em decorrência da crise financeira mundial.

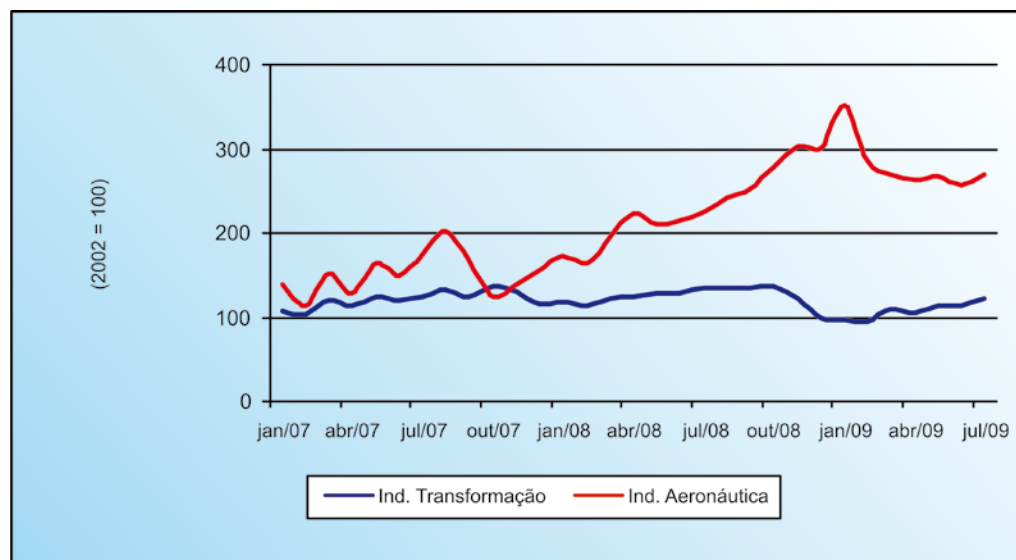
Todas as grandes fabricantes de aeronaves reduziram o nível de produção e buscaram fontes complementares para financiar ou refinar suas vendas. “As fabricantes Airbus e Boeing estão dando uma pausa na competição pelo recebimento de novas encomendas, e estão focando na preservação dos pedidos já feitos e que se encontram ameaçados pela crise econômica” (Monitor Mercantil, 2009). Por sua vez, a empresa canadense Bombardier anunciou em abril a redução da produção dos aviões comerciais e, principalmente, dos jatos executivos (EFE, 2009b).

Neste contexto de grandes mudanças estruturais e conjunturais é que se verifica a inserção da indústria aeronáutica brasileira que vinha passando por uma robusta fase de expansão.

Desempenho Recente da Indústria Aeronáutica Brasileira

A produção física da indústria aeronáutica brasileira apresentou um desempenho excepcional ao longo dos últimos dois anos atingindo seu ápice em janeiro de 2009, um crescimento de 154% em comparação com janeiro de 2007 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Indústria Aeronáutica Brasileira: indicador da produção industrial (janeiro/2007 a julho/2009)



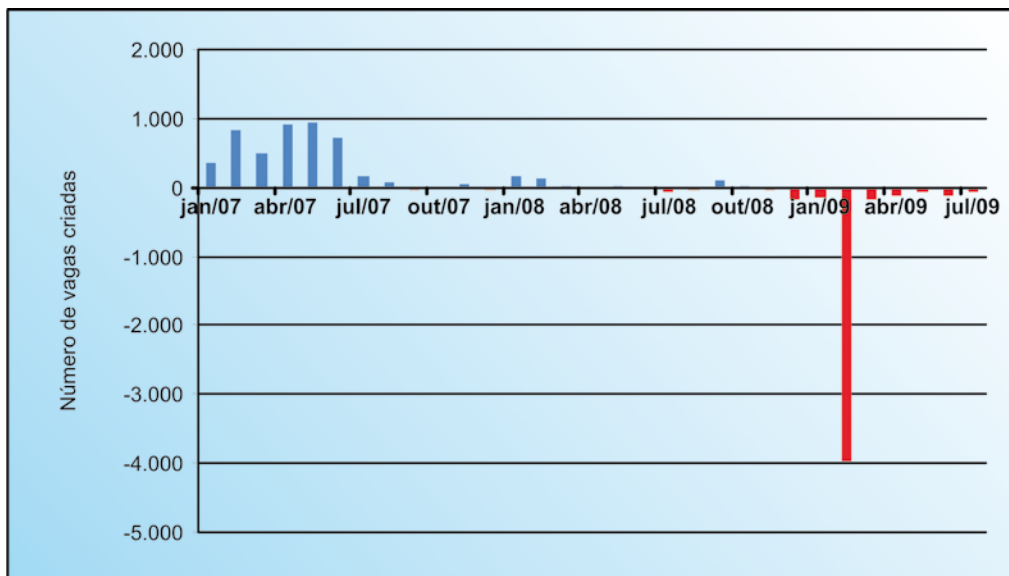
Nota: Dados de novembro e dezembro de 2007 foram estimados a partir dos outros meses.
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/IBGE.

Entretanto, o mês de janeiro de 2009 também marcou uma inflexão na trajetória de expansão da indústria aeronáutica nacional. Nos dois meses seguintes, fevereiro e

março, a produção física do setor caiu quase 25% e desde então está se mantendo neste novo patamar. Apesar dos recentes resultados negativos, a produção física da indústria aeronáutica contabilizada em julho de 2009 é praticamente o dobro da registrada em janeiro de 2007, sendo equivalente ao nível de produção de outubro de 2008.

Com relação ao nível de emprego, observa-se que a indústria aeronáutica brasileira apresentou uma grande expansão no ano de 2007, particularmente no primeiro semestre, com a criação de mais de 4.400 vagas de empregos formais. Esse número representou um crescimento de 28% no número de funcionários empregados por esse setor, uma porcentagem quatro vezes maior que a observada para o conjunto da indústria de transformação. Apesar de ter uma participação muito reduzida, pouco mais de 0,3% de todo emprego industrial, ela se ampliou de forma significativa.

Gráfico 3 – Indústria Aeronáutica Brasileira(1): criação de emprego formal (janeiro/2007 a julho/2009)



(1) CNAE 304 (Indústria aeronáutica).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

No ano de 2008, o nível de emprego permaneceu praticamente estável com a criação de apenas 137 novas vagas, apesar do nível de produção física da indústria aeronáutica brasileira ter se expandido em mais de 50% nesse ano. Por sua vez, os dados do primeiro semestre de 2009 demonstram uma abrupta queda do nível de emprego, quando foram extintas mais de 4.600 vagas ou cerca de 20% do número de funcionários registrados na indústria aeronáutica brasileira, recuando ao patamar de 2006. Quando se compara com a redução de vagas na indústria de transformação (apenas 2%), observa-se que o setor aeronáutico foi um dos mais afetados pela crise financeira internacional.

**Tabela 3 – Indústria Aeronáutica(1) e Indústria de Transformação:
evolução do estoque de emprego formal (dezembro/2006-junho/2009)**

Período	Emprego		(%)
	Ind. Aeronáutica	Ind. Transformação	
dez/06	17.627	6.253.684	0,28
dez/07	22.632	6.710.807	0,34
dez/08 ⁽²⁾	22.769	6.877.063	0,33
jun/09 ⁽²⁾	18.186	6.761.800	0,27

(1) CNAE 304 (Indústria aeronáutica)

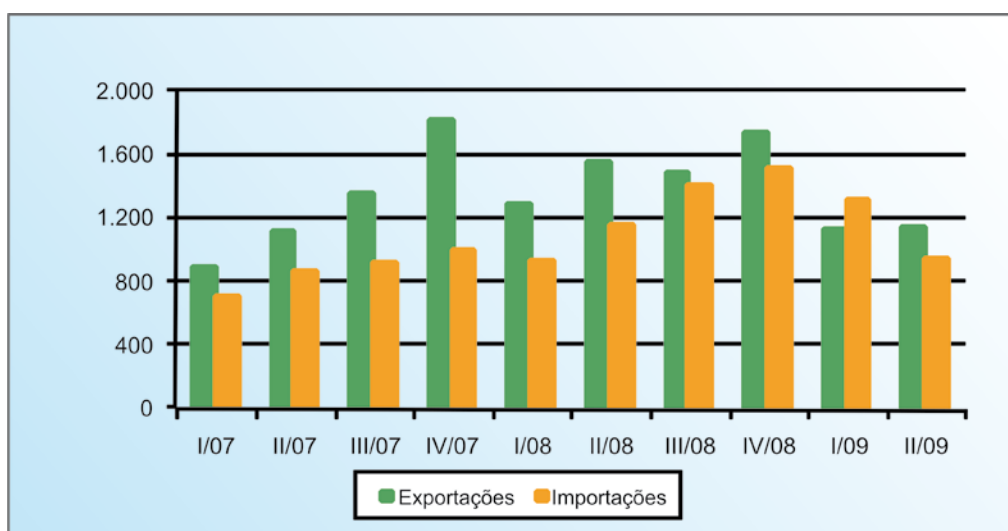
(2) Dados estimados com base nos fluxos mensais de contratação acumulados.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

Apesar do resultado negativo na geração de empregos, verifica-se uma ampliação do salário médio da indústria aeronáutica brasileira, que passou de R\$ 4.320,17, em 2008, para R\$ 4.619,48, em junho de 2009⁶, uma expansão de 6,9% em pleno período de crise. Isso indica que os empregos de menor qualificação foram os mais afetados, pois as empresas procuraram preservar os funcionários de cargos estratégicos que, na maioria das vezes, possuem remunerações mais elevadas⁷.

No que se refere ao comércio externo, a indústria aeronáutica brasileira manteve uma vigorosa expansão ao longo dos anos 2007 e 2008 (Gráfico 4). As exportações passaram de pouco mais de US\$ 800 milhões (1º trimestre de 2007) para mais de US\$ 1,7 bilhão (4º trimestre de 2008), enquanto as importações apresentaram um crescimento superior, passando de US\$ 695 milhões para US\$ 1,5 bilhão.

**Gráfico 4 – Comércio Externo da Indústria Aeronáutica Brasileira(1)
(I/2007-II/2009)**



(1) Códigos NCM correspondentes ao código CNAE 304 (Indústria aeronáutica).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da SECEX.

⁶O dado de 2008 foi fornecido pelo RAIS e o de junho de 2009 foi ajustado pelas contratações líquidas fornecidas pelo CAGED.

⁷Segundo declaração da empresa líder, a Embraer, “o setor menos afetado pelo corte será o de engenharia, já que a empresa manterá os técnicos vinculados aos atuais projetos de desenvolvimento de novos produtos e tecnologias” (EFE, 2009a).

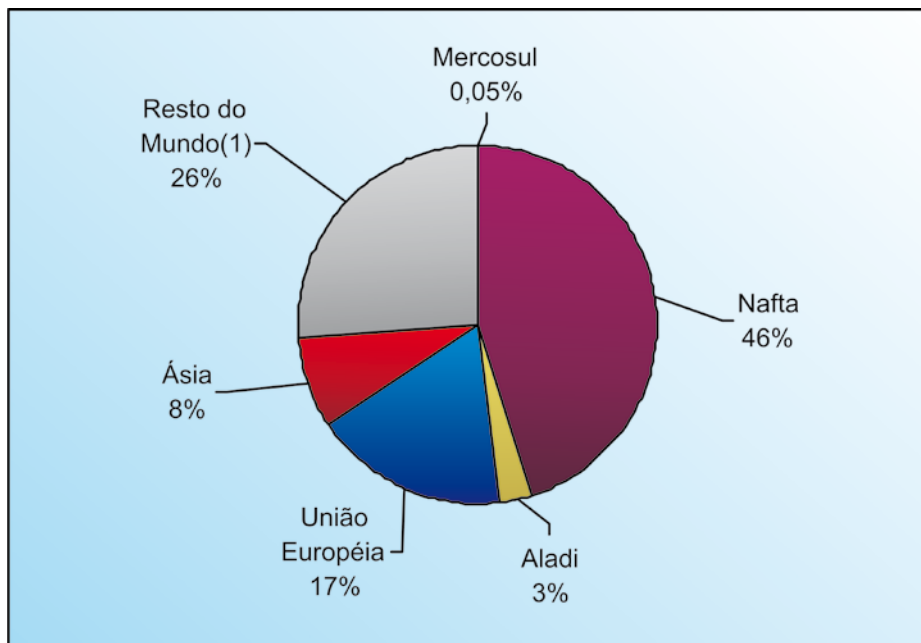
Apesar das importações terem crescido proporcionalmente mais que as exportações, a indústria aeronáutica brasileira manteve a capacidade de gerar elevados superávits comerciais, cerca de US\$ 2,7 bilhões no biênio 2007-2008. O volume importado representou, em média, 76% do total das exportações.

O aprofundamento da crise financeira internacional no primeiro trimestre de 2009 resultou numa drástica redução das exportações do setor aeronáutico brasileiro.

Nesse trimestre, as importações brasileiras também recuaram, mas numa proporção menor, gerando déficit comercial. Contudo, no segundo trimestre, as importações acompanharam a queda das exportações, permitindo a retomada do superávit comercial da indústria. Esse diferente ritmo de queda se deve ao descompasso entre a redução das exportações de aeronaves prontas, um primeiro momento, e a redução das importações de peças, partes e sistemas para a produção de aeronaves, num segundo momento.

Com relação à distribuição das exportações da indústria aeronáutica brasileira, observa-se que a maior parte continua direcionada aos países avançados, particularmente da América do Norte e da Europa, que foram o destino de quase dois terços de suas vendas externas.

Gráfico 5 – Indústria Aeronáutica Brasileira: distribuição das exportações por região (2008)



(1) África, Oceania, Oriente Médio e demais países.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da SECEX.

Um dos fatos que mais chama atenção é a reduzida participação dos países do Mercosul, particularmente da Argentina, como destino das exportações da indústria aeronáutica brasileira. Por outro lado, observa-se a elevada participação das exportações destinadas aos países do Oriente Médio, África e Oceania, aqui classificados como “Resto do Mundo”. Isto demonstra que a indústria aeronáutica brasileira opera de forma global.

Estrutura e Empresas da Indústria Aeronáutica Brasileira

A indústria aeronáutica brasileira possui reconhecida competência em nível global. Sua empresa líder, a Embraer vem mantendo uma destacada posição na indústria aeronáutica mundial, tendo passado da décima para a nona posição entre as maiores fabricantes de aeronaves no ano de 2007. O faturamento da empresa brasileira se expandiu em 33%, praticamente o dobro da taxa de crescimento média dos maiores grupos aeroespaciais (Tabela 4). Além disso, a Embraer se manteve como a terceira maior fabricante de aviões comerciais do mundo, atrás apenas da norte-americana Boeing e da européia Airbus.

Tabela 4 – Mundo: 10 Maiores Grupos Aeroespaciais(1) (2006-2007)

Empresas	Faturamento (US\$ bilhões)		Δ 2007/2006 (%)
	2006	2007	
Boeing (EUA)	61,5	66,3	7,8
EADS (Europa)	52,0	57,2	10,0
Lockheed Martin (EUA)	39,6	41,8	5,6
BAE Systems (Reino Unido)	27,2	27,6	1,5
Finmeccanica (Itália)	13,5	16,2	20,0
Bombardier Aerospace (Canada)	8,1	9,7	19,8
Textron (EUA)	7,6	8,9	17,1
Dassault Aviation (França)	4,3	5,9	37,2
Embraer (Brasil)	3,9	5,2	33,3
Mitsubishi (Japão)	4,1	4,9	19,5
Média			17,2

(1) Por falta de informação contábil os grupos russos e chineses não foram classificados.
Fonte: Ferreira, 2009.

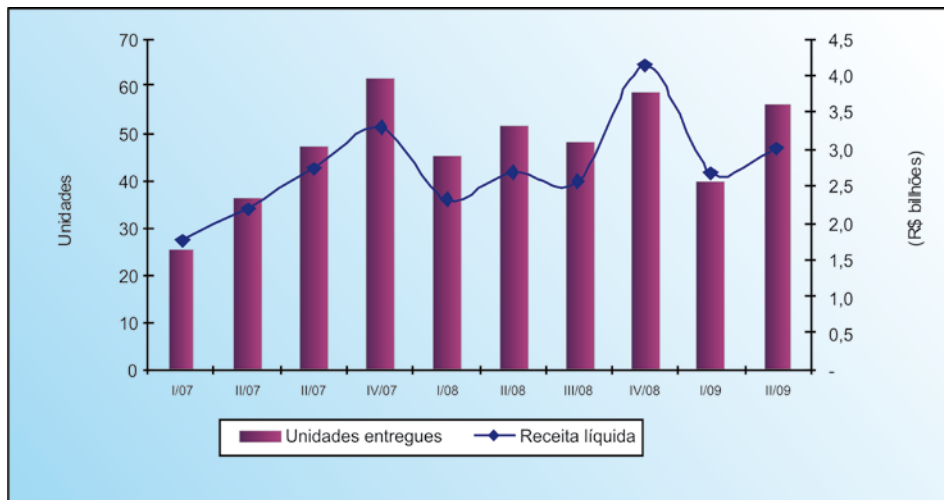
Essa bem sucedida estratégia de avanço sobre o mercado internacional se refletiu num excepcional desempenho produtivo e financeiro ao longo do biênio 2007-2008. Quando se comparam os dois anos, verifica-se que a receita de 2008 foi 18% superior, enquanto o número de unidades entregues foi 20% maior.

Por sua vez, o primeiro trimestre de 2009 foi marcado por uma reversão dos indicadores produtivos e financeiros da Embraer, com uma queda no número de aeronaves entregues (apenas 40 unidades) tanto em comparação com o trimestre anterior (59 unidades) quanto em relação ao primeiro trimestre de 2008 (45 unidades). Essa reversão foi resultado não apenas da drástica redução de novas encomendas, mas também do cancelamento e postergação de encomendas já realizadas. Neste contexto, a empresa brasileira se esforçou para remanejar prazos e reduzir o ritmo de produção, com o objetivo de dar maior fôlego aos compradores de seus aviões. A principal consequência dessa estratégia de reprogramação das entregas foi a abrupta redução do quadro de funcionários, que passou de 23.509, no final de 2008, para 17.237, em

31 de julho de 2009⁹, uma diminuição de 27% em apenas seis meses.

A política de demissões da Embraer, apesar de ser uma necessidade incontornável⁸, foi muito criticada pela falta de um plano de contingência para amparar os trabalhadores demitidos, deixando uma mácula junto à opinião pública e, especialmente, nas relações com seus funcionários.

Gráfico 6 – Embraer: evolução da receita líquida e das unidades entregues (I/2007-II/2009)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Embraer.

No entanto, os resultados do segundo trimestre de 2009 indicam uma recuperação da atividade produtiva da empresa líder brasileira, com a entrega de 56 aeronaves contra 40 do trimestre anterior. A receita líquida da Embraer se expandiu em mais de 13% no segundo trimestre e o valor da sua carteira de encomendas firmes se estabilizou depois de dois trimestres seguidos de queda, demonstrando uma retomada das vendas de novas aeronaves. Segundo o presidente da Embraer, Frederico Curado, “não vemos um cenário pior do que o enfrentado (nos primeiros meses do ano), pelo menos não na nossa linha de produtos... Estamos cautelosamente otimistas” (Bianconi, 2009).

Dentre os fatores que estão contribuindo para a retomada da Embraer, destaca-se a política anticíclica do BNDES, que tem destinado um crescente volume de recursos para o financiamento das aeronaves nesse período de retração do crédito internacional. Em 2007, a Embraer não precisou do apoio do BNDES para suas vendas, no entanto, no ano seguinte, a crise financeira fez com que 11% das entregas fossem financiadas pela instituição. Para 2009, a expectativa é que até 39% das entregas sejam financiadas pelo banco de desenvolvimento (Dezem, 2009).

A Embraer continua mantendo a liderança mundial no seu principal segmento de

⁸Neste número não estão incluídos os funcionários das subsidiárias não integrais OGMA (Portugal) e HEAI (China).

⁹“Inicialmente, as previsões para 2009 era de entrega entre 315 e 350 aeronaves. A primeira revisão derrubou para 270. A segunda, para 242 unidades” (Nassif, 2009).

mercado, o de aeronaves comerciais entre 70 e 120 assentos. A faixa de 90 a 115 assentos é ocupada exclusivamente pelos jatos da Embraer. Entretanto, existem quatro concorrentes potenciais nesta categoria de aeronave. Em 2008, dois novos modelos realizaram o primeiro vôo: o SSJ-100, da Sukhoi russa, e o ARJ-21, da AVIC I chinesa. Além destes, a canadense Bombardier e a japonesa Mitsubishi estão planejando lançar novos modelos de jatos, o C-Series e o MRJ, respectivamente.

O ano de 2008 também marcou a retomada das vendas de aeronaves comerciais da Embraer para companhias aéreas brasileiras depois de dez anos fora do mercado interno. A recém criada Azul Linhas Aéreas encomendou 42 aeronaves modelos EMB-190/195 (110 assentos), além da opção de compra de outras 36 aeronaves dos mesmos modelos, enquanto a companhia aérea regional Trip Linhas Aéreas realizou uma encomenda de 5 aviões modelo EMB-175 (86 assentos) e mais 10 opções.

No segmento executivo, o ano de 2008 marcou a entrega do primeiro avião Phenom-100 da Embraer, o menor jato da empresa brasileira, com capacidade para 4-6 passageiros, enquanto o Phenom-300, um modelo acima, deverá entrar em operação em 2010. Em 2008, a Embraer também anunciou o investimento de cerca de US\$ 750 milhões no desenvolvimento de dois novos jatos executivos de médio porte o Legacy-450 e o Legacy-500¹⁰, que deverão entrar em operação a partir de 2012 e 2013, respectivamente. No início de 2009, a empresa brasileira realizou a entrega do primeiro Lineage-1000, na categoria dos jatos executivos de grande porte.

Cabe destacar que, em abril de 2009, a Embraer assinou um importante contrato com a Força Aérea Brasileira (FAB), no valor de US\$ 1,3 bilhão, para o desenvolvimento de um novo jato de transporte militar e reabastecimento aéreo, o KC-390, cujas primeiras entregas estão previstas para 2015. Além desse projeto prioritário, a empresa brasileira também está realizando a modernização de diversos modelos de aeronaves da FAB. Ainda no segmento de defesa, a Embraer fechou diversos contratos de exportação de aviões Super Tucano de treinamento avançado e ataque leve para países da América Latina, e um contrato com a Índia para exportação de aviões de vigilância eletrônica.

Posto que uma grande parte da indústria aeronáutica brasileira é constituída por fornecedores da empresa líder, pode-se concluir que o fortalecimento da estrutura produtiva dessa indústria – tanto no número como no porte das empresas – está diretamente relacionado à grande expansão da Embraer ao longo desse período (Ferreira, 2009). Entretanto, a recente diminuição do ritmo de produção da empresa líder em decorrência da retração do mercado aeronáutico mundial tem levado a uma série de dificuldades para o conjunto de empresas que compõe a cadeia produtiva da Embraer.

¹⁰Aviões com capacidade de 8 a 12 passageiros, das categorias midlight e midsize, respectivamente (Nakamura, 2008).

Segundo o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP) de São José dos Campos, “a crise entre os fornecedores vem desde outubro passado e já resultou numa queda de produção aproximada de 35% entre as 40 empresas de aeropeças em atividade no município. Além disso, cerca de 20% da mão-de-obra no mesmo período já foi cortada” (Costa, 2009). A presente crise tem atingido não apenas as pequenas empresas, pois os maiores fornecedores também estão enfrentando graves problemas com a redução da demanda. Por exemplo, a Grauna Aerospace, uma das maiores fabricantes de peças e componentes aeronáuticos teve seu quadro de funcionários reduzido praticamente pela metade, de 650 para 330 empregados, em pouco mais de seis meses.

Por outro lado, observa-se que as empresas atuantes em nichos de mercado desvinculados da Embraer não foram tão afetadas pela crise. No segmento de helicópteros, a Helibras, a única fabricante da América Latina, assinou um acordo em setembro de 2009 para implantar a linha de montagem do helicóptero pesado EC-725 na unidade fabril de Itajubá (MG). Em contrapartida, o Ministério da Defesa está realizando uma encomenda inicial de 50 unidades que deverá ser entregue entre 2010 e 2016¹¹.

As empresas prestadoras de serviços de manutenção de aeronaves e turbinas praticamente não foram atingidas pela crise financeira internacional, dado que suas receitas não estão vinculadas ao nível de produção de aeronaves. Os serviços de manutenção são necessários em quaisquer circunstâncias, inclusive podem ser considerados como atividades anticíclicas, dado que sua execução visa postergar a aquisição de novos modelos de aeronaves.

Considerações

Finais

Nos últimos anos, a indústria aeronáutica brasileira, capitaneada por sua empresa líder, aprofundou o ciclo expansivo iniciado na segunda metade dos anos noventa.

Nesse sentido, a Embraer se consolidou como uma das mais importantes empresas aeronáuticas do mundo, particularmente no que se refere ao projeto e à montagem de aviões comerciais.

Entretanto, os dados apresentados demonstram que a partir de janeiro de 2009 houve uma abrupta reversão dessa longa trajetória de crescimento da indústria aeronáutica brasileira. A crise financeira internacional atingiu o mercado aeronáutico mundial através da retração da demanda e das restrições creditícias. A indústria aeronáutica brasileira que estava voltada quase que exclusivamente ao mercado externo, teve a sua produção física reduzida em quase 25% e o número de empregos em 20%, tudo isso num período de poucos meses.

¹¹Para uma melhor análise do segmento de helicópteros no país: Ferreira (2008b).

Para fazer frente a essa retração do mercado aeronáutico internacional, a Embraer passou a adotar uma estratégia defensiva centrada na redução do ritmo produtivo e no remanejamento das entregas. Por um lado, essa estratégia é fundamental para que a empresa líder preserve sua capacidade produtiva e financeira ao longo do período de crise, tanto que a empresa tem procurado manter os investimentos no desenvolvimento de novas aeronaves e novas tecnologias. Por outro lado, o ajuste da Embraer atingiu de forma negativa os outros elos da cadeia produtiva através do grande corte no número de funcionários e da redução das encomendas junto a seus fornecedores, os quais se encontram numa situação bastante fragilizada.

O governo brasileiro tem oferecido apoio decisivo para que a indústria aeronáutica brasileira possa atravessar esse período de crise econômica. Cabe destacar a atuação do BNDES com a ampliação de suas linhas de crédito para a comercialização das aeronaves como forma de compensar a retração da liquidez no mercado financeiro internacional.

Por fim, destaca-se a ampliação das compras públicas através da Força Aérea Brasileira (FAB), particularmente no que se refere às encomendas de novas aeronaves militares – aviões e helicópteros – junto à Embraer e à Helibras, respectivamente. Essa política de compras públicas é de grande importância, não apenas para auxiliar na manutenção da demanda nesse período de crise, mas principalmente por permitir a incorporação de significativos avanços tecnológicos e, assim, promover a construção de novas vantagens competitivas na indústria aeronáutica nacional.

Bibliografia

Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (ABIMAQ) (2009). Indústria Brasileira de Máquinas e Equipamentos – indicadores conjunturais. Junho de 2009.

Bianconi, C. (2009). Embraer acredita que pior da crise passou para setor aéreo. São Paulo: Reuters, 30 de abril de 2009.

Costa, B. (2009). Fornecedores da Embraer pedem ajuda ao BNDES para salvar setor. Agência Folha, 4 de março de 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u528969.shtml>. Acessado em 2009.

Dezem, V. (2009). Embraer diz que 39% das entregas de 2009 serão financiadas pelo BNDES. São Paulo: Valor Econômico, 30 de abril de 2009.

EFE (2009a). Embraer anuncia demissão de 4,3 mil funcionários. Rio de Janeiro: EFE, 19 de fevereiro de 2009.

EFE (2009b). Bombardier demitirá 3 mil por queda da demanda. Toronto: EFE, 2 de abril de 2009.

Embraer (2009a). Embraer em Números.

Embraer (2009b). Resultados do 1º Trimestre.

Embraer (2009c). Resultados do 2º Trimestre.

Ferreira, M.J.B. (2008a). Estudo Setorial sobre a Indústria Aeronáutica. In: Uma Agenda de Competitividade para a Indústria Paulista. São Paulo: UNESP/UNICAMP/USP/SD-SP, 2008a. Mimeo.

Ferreira, M.J.B. (2008b). Indústria Aeronáutica. Relatório de Acompanhamento Setorial ABDI/NEIT-IE-UNICAMP, Brasília, vol. 2, outubro de 2008.

Ferreira, M.J.B. (2009). Indústria Aeronáutica. Relatório de Acompanhamento Setorial ABDI/NEIT-IE-UNICAMP, Brasília, vol. 3, setembro de 2009.

Folha de São Paulo. (2009). Encomendas de aviões à Embraer voltam a crescer. Agência Folha, 8 de julho de 2009. Disponível em: <https://conteudoclipppingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2009/7/8/>. Acessado em 2009.

Fundação Centro de Estudos para o Comércio Exterior (FUNCEX). Boletim de

Comercio Exterior. Agosto de 2009.

Góes, F. (2008). BNDES volta a apoiar vendas da Embraer. 11 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.investimentos.sp.gov.br/sis/lenoticia.php?id=2800&c=1>. Acessado em 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF).

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Estatísticas de Comércio Exterior. Vários anos.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS). Vários anos.

Monitor Mercantil (2009). Pousa nos pedidos da Airbus e Boeing. Monitor Mercantil, 16 de junho de 2009. Disponível em: <http://www.monitormercantil.com.br/mostranoticia.php?id=62969>. Acessado em 2009.

Nakamura, P. (2008). Embraer define preços de novos jatos. São Paulo: Valor Econômico, 21 de maio de 2008.

Nassif, L. (2009). A Embraer e o mito da invencibilidade. São José dos Campos: Vale Paraibano, 22 de fevereiro de 2009.

Organização das Nações Unidas (ONU). United Nations Commodity Trade Statistics Database (Comtrade).

Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE). StatExtracts. Disponível em <http://stats.oecd.org/index.aspx>



UNICAMP



Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial